



Urdimento


REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Quando o teatro é uma arte

Edélcio Mostaço

Para citar esta Resenha:

MOSTAÇO, Edélcio. Quando o teatro é uma arte.
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas,
Florianópolis, v. 1, n. 57, p.1-7, abr. 2026.

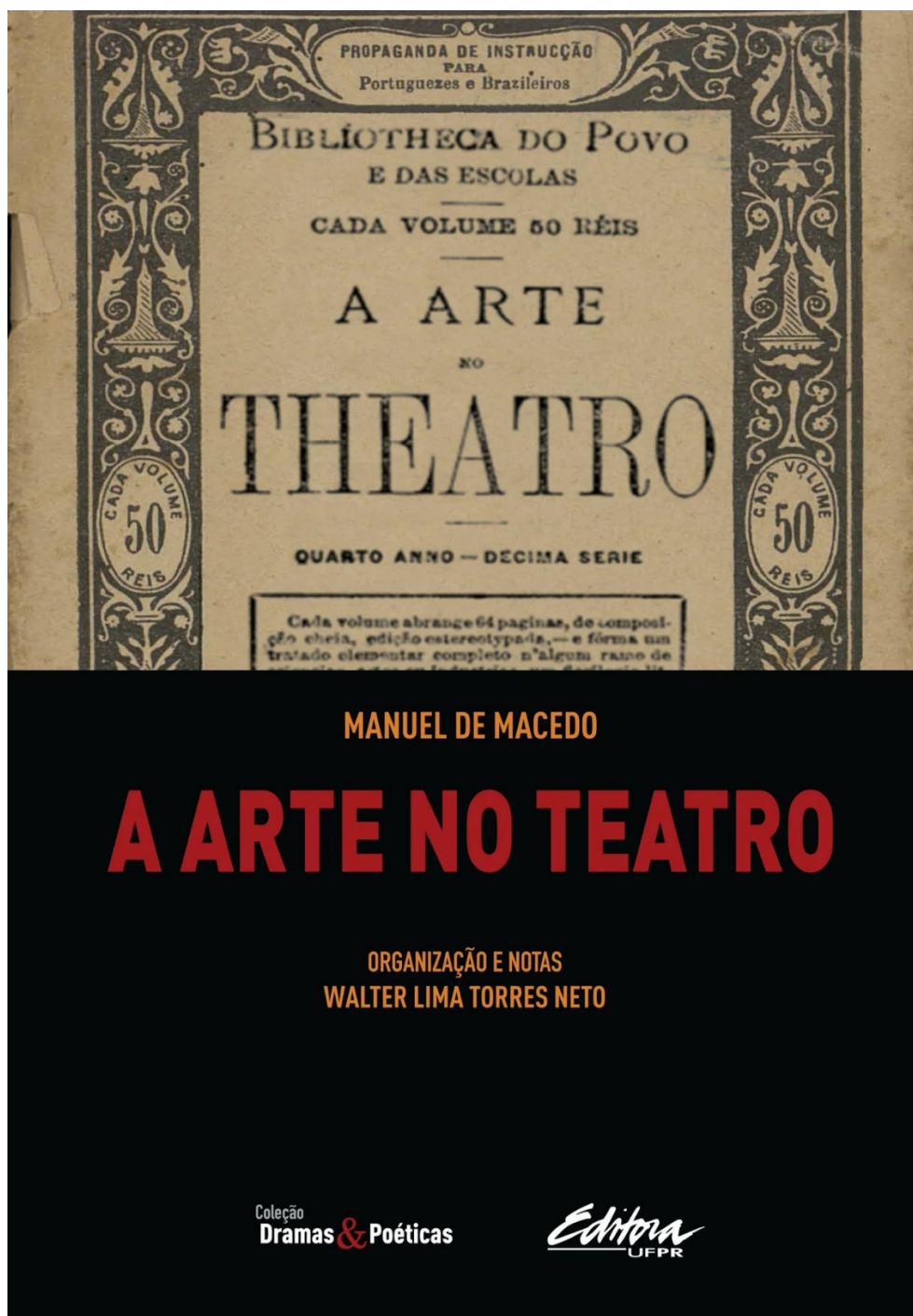
 DOI: 10.5965/1414573101572026e0801



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)

Resenha da obra

MACEDO, Manuel de. **A arte no teatro**, organização e notas de Walter Lima Torres Neto. Curitiba: Editora da UFPR, 2021. 160 p.



Quando o teatro é uma arte¹

Edélcio Mostaço²

Resumo

A resenha contempla a obra *A arte do teatro*, texto de Manuel de Macedo que detalha em pormenores as práticas e preceitos que regiam a atividade cênica em Portugal e no Brasil na segunda metade do século 19. Ela foi publicada como o 44º fascículo da Biblioteca dos Povos e das Escolas, em 1884, coleção de livretos destinados a introduzir o leitor em um certo universo de conhecimento. A atual edição, organizada por Walter Lima Torres Neto, é complementada com um prefácio de Guilherme Felipe e um posfácio de João Roberto Faria, estudiosos que situam e esclarecem o leitor contemporâneo sobre os pormenores do escrito original.

Palavras-chave: Teatro. Século 19. Vida teatral. Teatro brasileiro.

When theater is an art

Abstract

This review examines the work *The Art of Theatre*, a text by Manuel de Macedo that details the practices and precepts governing theatrical activity in Portugal and Brazil during the second half of the 19th century. It was published as the 44th fascicle of the Biblioteca dos Povos e das Escolas (Library of Peoples and Schools) in 1884, a collection of booklets intended to introduce the reader to a certain universe of knowledge. The current edition, organized by Walter Lima Torres Neto, is complemented by a preface by Guilherme Felipe and an afterword by João Roberto Faria, scholars who situate and clarify the details of the original text for the contemporary reader.

Keywords: Theatre. 19th century. Theatrical life. Brazilian theatre.




Cuando el teatro es un arte

Resumen

Esta reseña examina la obra *El Arte del Teatro*, un texto de Manuel de Macedo que detalla las prácticas y preceptos que regían la actividad teatral en Portugal y Brasil durante la segunda mitad del siglo XIX. Fue publicado como el fascículo 44 de la Biblioteca dos Povos e das Escolas (Biblioteca de Pueblos y Escuelas) en 1884, una colección de folletos destinada a introducir al lector en un universo de conocimiento. La presente edición, organizada por Walter Lima Torres Neto, se complementa con un prefacio de Guilherme Felipe y un epílogo de João Roberto Faria, académicos que sitúan y aclaran los detalles del texto original para el lector contemporáneo.

Palabras clave: Teatro. Siglo XIX. Vida teatral. Teatro brasileño.

¹ Revisão ortográfica e gramatical da resenha foi realizada pelo próprio autor.

² Professor Sênior do PPGAC-Udesc. Professor Titular aposentado da Universidade do Estado de Santa Catarina. Pesquisador do CNPq. Entre seus últimos livros estão: *Incursões & excursões* (Teatro do Pequeno Gesto, 2018); *Cena e ficção em Aristóteles: uma leitura da Poética* (Appris, 2020) e *Grafos: escritos nômades sobre a cena* (Teatro do Pequeno Gesto, 2024).  hateatro33@gmail.com
 <http://lattes.cnpq.br/5151925947504672>  <https://orcid.org/0000-0001-6838-338X>

Todos os que trabalham com o teatro brasileiro bem conhecem as dificuldades em se reunir informações seguras e pormenorizadas relativas às práticas e à vida cênica ao longo do século 19. Embora contemos com diversos estudos já realizados sobre este campo, ainda subsistem lacunas e faltam informações mais pormenorizadas envolvendo os detalhes do dia a dia nos palcos, as técnicas de atuação empregadas, a construção e o manejo da cenografia, os colaboradores artísticos indispensáveis e as relações interpessoais entre a gente de palco. Todos estes aspectos não são marginais, pois evidenciam a natureza mesma da atividade em suas minúcias, especificam o que era a cultura teatral de então e abarcam aquilo que os franceses designavam como *métier* – os ossos e glórias do ofício.

Com a iniciativa tomada pelo pesquisador Walter Lima Torres Neto podemos conhecer agora, com ampla riqueza de detalhes, aspectos ainda obscuros ou pouco explorados de tais práticas de palco, através da publicação de *A arte do teatro*, opúsculo creditado a Manuel de Macedo e originalmente vindo a lume em 1884. O responsável pela organização da obra atualizou a grafia e acrescentou notas muito esclarecedoras ao texto, além de um amplo prefácio preparado pelo estudioso português Guilherme Felipe e um posfácio da autoria de João Roberto Faria que desvendam, em pormenores, as particularidades e a agudeza das observações contidas no escrito original e aspectos da dramaturgia em curso na segunda metade daquele século. São razões de sobra pelas quais a publicação deve ser saudada com entusiasmo e reconhecida como enriquecedora contribuição à nossa historiografia teatral.

Inaugurado em 1813 por d. João VI no Largo do Rocio, no Rio de Janeiro, após a criação do Vice-reinado do Brasil, o Real Theatro São João implicou em uma radical mudança nas práticas cênicas até então correntes no país, com as continuadas visitas de companhias portuguesas, francesas e italianas animando seu palco e injetando novos hábitos de entretenimento para a corte e a população da cidade. Considerado o primeiro ator brasileiro, João Caetano herdou muito daqueles hábitos internacionais ali cultivados e criou em 1833, em Niterói, a

primeira companhia cênica formada exclusivamente por artistas nacionais, ao estrear o drama *O príncipe amante da liberdade ou a independência da Escócia*.

Em 1838 subiu à cena *O juiz de paz da roça*, de Martins Pena, recebida como a primeira comédia de costumes e um marco romântico entre nós. Tendo visitado a Comédie-Française e absorvido muito dos preceitos ali mantidos, João Caetano orientou seu elenco quanto ao desenvolvimento daqueles ensinamentos, registrados em dois escritos sobre a arte de representar: *Reflexões Dramáticas*, de 1837, e *Lições Dramáticas*, de 1862. São as informações mais seguras sobre em que consistia a vida teatral brasileira na primeira metade do século 19, percebidas por um olhar de dentro dos palcos.

Manuel de Macedo (1839-1915), que não deve ser confundido com o autor de *A moreninha*, foi cenógrafo, desenhista, pintor e caricaturista português de nomeada nos palcos de seu tempo, com formação erudita e presença ativa nas casas de espetáculos de Lisboa e do Porto, bem como em publicações gráficas locais. A Biblioteca do Povo e das Escolas, na qual o opúsculo foi lançado, foi uma iniciativa editorial de David Corazzi em sintonia com as ações governamentais conduzidas com a intenção de alargar a instrução pública e estimular o caminho para a iniciação de qualquer um que se interessasse pelos estudos, sendo divulgada quer em Portugal quer no Brasil. Eram livretos introdutórios que apresentavam as linhas gerais de cada área enfocada, como a agricultura, a indústria, o comércio e os ofícios artísticos. Para a mesma coleção, Macedo escreveu também o volume *Arte dramática*, no ano seguinte, além de alguns títulos de importância voltados às artes visuais.

Com o intuito de esclarecer “o público nos segredos da difícil arte de combinar espetáculos”, o texto de Manuel de Macedo se alinha com a filosofia positivista de Teófilo Braga que dominava a época, explorando com imagens vívidas e pormenores técnicos todos os passos para o planejamento e a execução de um espetáculo, iniciando pela cenografia e seus efeitos de ilusão de óptica, através de telões, trineis, pernas e bambolinas habilmente colocados em perspectiva e com o indispensável tratamento de pintores especializados. Tal construção e sua operação demandavam artífices treinados nessa arte, conformando um coletivo trabalhando em equipe. Cada fase da construção é

esmiuçada no livreto, bem como descritas as máquinas e as manobras coordenadas entre os maquinistas de palco.

A iluminação ocupa o capítulo seguinte. A ela estão combinados os efeitos cenotécnicos, artifícios e ilusões cênicas responsáveis por encherem a vista do espectador e fazê-lo deliciar-se com as surpresas e a inventividade, especialmente quando as produções eram de mágicas e musicais. Os ruídos e os fenômenos naturais implicam na mobilização de amplo aparato de recursos, igualmente apontados e descritos em pormenores.

A visualidade e a caracterização dos intérpretes mereceram muitas páginas, com observações precisas sobre as perucas, cabeleiras, barbas, maquiagem, figurinos e calçados para atores e atrizes, além de seus adereços, próprios à natureza de cada espetáculo apresentado. Completa o volume um apanhado bastante atento sobre a arte da “elaboração cênica”, termo por ele traduzido para designar a *mise-en-scène*, aquela expressão francesa que já frequentava assiduamente o vocabulário dos profissionais e que rapidamente se espalhava por toda a Europa, capitaneada, naquela quadratura de tempo, pelo “ensaiador dramático”, um artista hábil e preparado capaz de orquestrar toda a soma de elementos que levassem à concretização da obra.

Os aspectos financeiros e econômicos que orbitam o universo cênico ocupam o capítulo final, detalhando custos e dificuldades de produção, bem como diretrizes que deveriam reger a escolha do repertório e instaurar uma verdadeira política para a ampliação e engrandecimento da arte teatral em geral.

Como destaca o prefácio de Guilherme Felipe, “Macedo partilhava o espírito contemporâneo de reflexão sobre a realidade pitoresca do mundo, documentada pelo estudo científico, sociológico, etnográfico, que visava materializar na obra escrita, musical ou pictórica uma idealização moral de valores estéticos [...] da arte como pedagogia social”.

O raciocínio de Macedo não se esquiva de invocar duas constantes nos assuntos atinentes aos palcos desde há muito tempo: a necessidade de formar uma plateia culta em sintonia com o progresso da civilização que o teatro almeja e materializa; e a decadência da cena lusa que então se observava relativamente



a outros países, nos quais o teatro gozava do mais alto prestígio. Como ecos dessas cogitações, são bem conhecidos entre nós os reclamos que estas mesmas advertências reverberam nas intervenções de José de Alencar, Machado de Assis ou Arthur Azevedo.

Para os pesquisadores, é útil salientar que a Biblioteca dos Povos publicou na área do teatro, além dos títulos de Macedo, o importante volume *Manual do ensaiador dramático*, de Augusto de Mello, completando um panorama testemunhal de informações e detalhes concernentes às práticas cênicas que regeram e vigoraram em Portugal e no Brasil – no nosso caso, se estendendo até a década de 1940.

Recebido em: 11/01/2026

Aprovado em: 12/01/2026